

A PRÁTICA DO PROFESSOR E OS DIFERENTES MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Silma de Souza Santos¹

Maria Cecília Martínez Amaro Freitas²

Resumo

A fase de alfabetização e letramento é um período de muitos desafios, descobertas e aprendizados para a criança. Conduzida pelas ações do professor, que precisam ser variadas, nem sempre alcançam o desenvolvimento esperado. Nesse sentido, a presente pesquisa de cunho bibliográfico, visa compreender por que o professor alfabetizador necessita apropriar-se de diferentes métodos para exercer sua prática. Para tanto, inicialmente se apresenta a definição de método e letramento, bem como os principais métodos de alfabetização e letramento; descreve-se sobre a variação de método no processo de alfabetização e letramento; e, finalmente, apresentam-se os desafios do professor na aplicabilidade de métodos de alfabetização e letramento. Depreende-se do estudo que os métodos de alfabetização e letramento são diversos e podem ser aplicados isoladamente ou associados em um processo dinâmico que deve atender às necessidades dos alunos. A variação dos métodos nos processos referidos é importante para abranger melhor essas necessidades, pois cada sujeito possui suas particularidades. O professor pode deparar-se com dificuldades na execução dos diferentes métodos de ensino que têm origem em fatores diversos, como deficiências de formação e falta de autonomia ao professor pelas instituições.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Métodos de ensino; Desafios.

INTRODUÇÃO

Durante o processo de alfabetização infantil, há muitas crianças que enfrentam variadas dificuldades em sua aprendizagem, as quais podem ser observadas no desenvolvimento da leitura e na aquisição da escrita, como em crianças que não compreendem o que leem e escrevem, denominados copistas, entre outras situações que atrasam o progresso na alfabetização. Mas por que isso ocorre? O presente estudo tenta compreender essa dificuldade pelo ponto de vista do método.

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA; 2021-1

² Mestre em Linguística Aplicada. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

Estudiosos como Kramer (1986) ressaltam não haver somente um método eficaz de inserção do código de leitura e de escrita. Ferreiro (2011) agrega que a alfabetização inicial depende do método a ser utilizado, mas ainda de outros fatores discutidos no texto.

O tema deste trabalho discute sobre as práticas do professor e os diferentes métodos utilizados para os processos de alfabetização e de letramento, compreendendo que as ações do professor para alcançar êxito no ensino de crianças são aplicadas por meio de sequências estruturadas para organização das atividades a serem desenvolvidas. Assim configuram-se os métodos, como instrumentos para conduzir o ensino. O que se busca não é esgotar a temática delimitada, mas ampliar a discussão acerca do assunto.

No contexto apresentado, por meio de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, o objetivo geral do estudo busca compreender por que o professor alfabetizador necessita apropriar-se de diferentes métodos para exercer sua prática. Para aprofundamento, apresenta-se a definição do processo de letramento, bem como seus principais métodos e do processo de alfabetização, descrevendo variações nos dois processos e, finalmente, são apresentados os desafios do professor na aplicabilidade desses métodos.

1. Os métodos de alfabetização e de letramento

No processo de alfabetização faz-se necessário que o professor utilize métodos para auxiliá-lo na condução do ensino. Para tanto ele precisa apropriar-se de métodos já delineados, sejam eles tradicionais ou não.

As discussões acerca de métodos de alfabetização não se referem a algo novo. Desde o final do século XIX, especialmente com a Proclamação da República, a educação ganhou destaque como uma das utopias da modernidade, firmando a escola como um lugar institucionalizado para preparar as novas gerações (MORTATTI, 2006).

Compreende-se então que, no processo de alfabetizar, há diferentes métodos de ensino, práticas variadas que são utilizadas pelos docentes de maneira geral, conforme se faça necessário, visto que as formas de aprendizagem são variáveis e o uso de um método para o ensino da leitura e da escrita pode ser efetivo para uma criança e, ao mesmo tempo, para outra não.

Nos dias de hoje, ainda se confundem as finalidades dos diversos métodos utilizados na alfabetização. Em direção a esse processo, é necessário que se parta de um ponto inicial referente que servirá de eixo norteador. Os métodos de alfabetização vão sendo aplicados conforme as necessidades existentes, de acordo com a evolução social e o surgimento de diferentes demandas (SEBRA; DIAS, 2011).

Considera-se necessário estabelecer o que se entende por método e método de alfabetização. Pellegrini (2007) ressalta que método é o agrupamento de processos, regras e operações que ocorrem de maneira antecipada, permitindo chegar a determinados objetivos ou conhecimentos. Significa também um conjunto de ações que um indivíduo realiza de forma disposta na execução de uma tarefa. Kramer e Abramovay (1985) salientam que método de alfabetização diz respeito ao percurso, ao caminho a percorrer no processo de ensino da leitura e escrita.

Historicamente observa-se que métodos diferentes foram desenvolvidos para o processo de alfabetizar, como avulta Mortatti (2006) em seu artigo “História dos Métodos de Alfabetização no Brasil”. A autora discorre sobre os métodos utilizados a partir do início da década de 1880, como é o caso do método “João de Deus” ou “método da palavração”, criado pelo poeta escritor da Cartilha Maternal ou Arte da Leitura, baseado nos princípios da moderna linguística da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois, analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras, sendo este método considerado como fase científica e definitiva no ensino da leitura e fator de progresso social (MORTATTI, 2006).

Como uma disputa de poderes e por melhorias na qualidade do ensino, a partir de 1890, implementou-se no estado de São Paulo a reforma da instituição pública, pretendendo servir de modelo para os demais estados instituindo o método denominado analítico, influenciado pela pedagogia norte-americana. Baseava-se em princípios didáticos cuja compreensão da criança se dava de forma audiovisual, sendo então, que o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo” para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas (MORTATTI, 2006).

A partir do exposto, é importante compreender que cada método contém suas especificidades. Os **métodos analíticos** postulam a leitura como um ato global e audiovisual, trabalha-se a partir de unidades completas de linguagem para depois dividi-

la em partes menores. Eles podem ser classificados em: Palavração, Sentenciação e Método Global (SANTOS, 2016).

Método de Palavração - consiste em uma unidade linguística que reconhece a palavra graficamente sem a necessidade e decomposição em sílabas, letras, fonemas e grafemas. Nele são atribuídas atividades de memorização de palavras. O possível risco que esse método pode apresentar é prejudicar no reconhecimento de novas palavras (SANTOS, 2016).

Método de Sentenciação - as palavras são aprendidas globalmente e por reconhecimento, apresentadas independentemente de suas regularidades ortográficas. O importante é que tenham significado para os alunos. Ele funciona com frases produzidas e anexadas em sala de aula para que possam consultar diariamente. A vantagem adquirida com esse método é a aprendizagem do significado dos textos, porém isso pode prejudicar o entendimento de textos novos (RANGEL; SOUZA e SILVA, 2017).

Método Global – trabalha a memorização e o entendimento do que é lido, somente depois é feita a análise das sentenças. Esse método é associado por muitos estudiosos a contos, que vai do entendimento da história a análise comparativa das palavras, sua vantagem é possibilitar o contato com o texto desde o início da alfabetização, no entanto, parte da língua escrita pode ser enfraquecida (RANGEL; SOUZA; SILVA, 2017).

Nos **métodos sintéticos**, os procedimentos se dão de um elemento menor para que o indivíduo alcance elementos maiores, são eles: Método Alfabético ou Soletração, Método Fônico Ou Fonético, Método Silábico (SEBRA; DIAS, 2011).

Método alfabético ou soletração – propõe que a criança venha a aprender o nome das letras e reconhecê-las fora de ordem alfabética e consiga identificá-las a partir da soletração, associando a letra com a representação visual e o som produzido. Por exemplo, a palavra casa soletra-se c, a, ca, s, a, sa, casa. As vantagens que esse método proporciona são para a relação entre os sinais gráficos e os sons. Esse método utiliza cartilhas ou apostilas e recebe críticas devido à memorização e à repetição dos exercícios, além de não aproveitar a bagagem anterior de cada criança (RANGEL; SOUZA; SILVA, 2017).

O método fônico ou fonético - parte da relação direta entre fonemas e grafemas, dos sons mais simples para os mais complexos, começa pelas vogais, depois são

inseridas as consoantes e, por último, se formam as sílabas seguidas das palavras. Esse método funciona com as apresentações de palavras, em seguida uma imagem e logo após o som. Ele determina relações diretas entre a escrita e a fala, o que possibilita maior desenvoltura para codificação e decodificação de textos. Contudo, pode apresentar dificuldades quando uma letra representa diferentes sons. Porém, ao ser desenvolvida a consciência fonológica, o indivíduo não terá dificuldades no processo de ensino aprendizagem da alfabetização (CAPOVILLA, *et al.*, 2004).

O método silábico - indica que a sílaba é a principal unidade linguística. Apreendem-se primeiro as famílias de sílabas para, depois, compreender as palavras, seguindo da mais simples até a mais complexa. Baseia-se em cartilhas que apresentam as famílias silábicas, e aos poucos são introduzidos pequenos textos. Permite a fácil identificação do som, porque ao se falar são pronunciadas sílabas, não necessitando de decifrar cada elemento da palavra. O risco apresentado por este método é a aprendizagem de forma mecânica (VALENTE; MARTINS, 2004).

Em meados dos anos de 1920, buscava-se conciliar dois tipos básicos de métodos de ensino da leitura, passando a utilizar **métodos mistos ou ecléticos** (analítico-sintético ou vice-versa), considerados mais rápidos e eficientes. As disputas entre os que defendiam os métodos sintéticos e analíticos não cessaram, mas o tom de combate e defesa que se via nos momentos anteriores foi se diluindo na medida em que se acentuava a relativização do método e, mais restritamente, nesse âmbito, a preferência pelo **método global** (de contos), defendendo que a criança percebe as coisas e a linguagem em seu aspecto global, que a leitura é uma atividade de interpretação de ideias e que a análise de partes deve ser um processo posterior (MORTATTI, 2006)

Decorrente de urgências políticas e sociais, essa tradição passou a ser questionada, acompanhada de propostas de mudança na educação. A fim de se enfrentar o fracasso da escola na alfabetização de crianças, introduziu-se no Brasil, a partir do início da década de 1980, o pensamento construtivista sobre a alfabetização, resultado de pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora Emília Ferreiro e colaboradores, deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o como a criança aprende, o construtivismo então se apresenta

não como um método novo, mais como uma ideia de revolução conceitual, entre outros aspectos, com abandono das teorias e práticas tradicionais (MORTATTI, 2006).

Essa linha pedagógica entende que o aprendizado se dá em conjunto entre professor e aluno, ou seja, o professor é mediador do conhecimento que os alunos já têm, e busca novos conhecimentos, criando condições para que o aluno vivencie situações e atividades interativas, nas quais ele próprio vai construir os saberes. Nessa perspectiva, a alfabetização propicia, aos indivíduos, a construção dos seus próprios conhecimentos, conforme seu desenvolvimento cognitivo. A proposta do ensino construtivista oferece ao aluno participação ativa em seu aprendizado, nela é valorizado a concepção nativista da criança, com a proposta de fazer com que a língua falada se complete com a escrita e a leitura através de um único processo. Com base nesses preceitos, a criança desenvolverá seu próprio conhecimento se tornando um aluno mais consciente e responsável (MORTATTI, 2006).

Na década de 1980 percebeu-se que a alfabetização por si só não supria a necessidade de as crianças implementarem o uso da aprendizagem dos códigos em suas práticas sociais. Dessa forma, surge o conceito de letramento que, de acordo com Soares (2004, p. 10), “vem traduzido da palavra inglesa *literacy*, e significa estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever; ensino e aprendizagem de habilidades iniciais de leitura e escrita, domínio de algumas práticas individuais de leitura e escrita”. No Brasil, os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam e frequentemente se confundem, sendo que a invenção do letramento se deu por caminhos diferentes daqueles que explicam a invenção do termo em outros países (SOARES, 2004).

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento (SOARES, 2004, p.10).

Nestas premissas, os autores convergem que alfabetizar e letrar são processos indissociáveis, (em que) a alfabetização se desenvolve no contexto de práticas de leitura e escrita e o letramento por meio das aprendizagens relacionadas a fonema e grafema, tendo em vista a concepção tradicional, e os diferentes métodos existentes, buscando

preencher as lacunas deixadas entre passado e futuro. Sendo importante então, reformular a formação dos professores, posto que sejam mediadores de conhecimentos, e para tal se faz importante que conheçam seus alunos valorizando o que já sabem, auxiliando as crianças ao se inserirem no mundo da cultura letrada.

2. Variação de método no processo de alfabetização e letramento

Ferreiro (2013) elucida que a escrita pode ser concebida pelo aluno através de duas maneiras e, dependendo do modo que ela é considerada, suas metodologias pedagógicas divergem de forma abrupta. A escrita pode ser vista como uma transcrição gráfica das unidades sonoras, com a relação e elementos pré-estabelecidos, ou como uma representação da linguagem em que nenhuma das variáveis se encontra pré-determinada.

Essa perspectiva da escrita se relaciona à alfabetização que, por um longo período, foi conceituada apenas como uma operação de aquisição do código escrito e de habilidades referentes à escrita e leitura. No entanto, após a realização de pesquisas sobre a temática, constatou-se que a alfabetização é um processo de compreensão do meio social, e isto é feito através do sistema nacional da língua e suas práticas sociais, de leitura e escrita, que são utilizadas para manter a comunicação (FERREIRO, 2013).

Considerando os métodos citados, o significado de alfabetizar é idealizado como uma prática complexa, processual e dinâmica. Caracteriza-se por ser um processo em que os educadores visam priorizar a atenção aos alunos, durante o período de educação inicial, isto feito através da aplicação de atividades que englobam o aprendizado numérico e do alfabeto, conseqüente formação silábica, de palavras e frases curtas, além do desenvolvimento de habilidades motoras. E para que o processo de ensino na alfabetização fosse simplificado, diversas metodologias foram analisadas e esclarecidas (SILVA, 2018).

Para que a alfabetização inicial tenha êxito, esta depende, primordialmente, de dois fatores, o método a ser utilizado e o estado de maturidade ou prontidão da criança. Ambos os polos de aprendizagem, os que aprendem (estudantes) e os que ensinam (educadores), não consideram a natureza contextual e empírica dos alunos. Portanto, deve-se evidenciar como este objeto de conhecimento pode intervir na aprendizagem,

como tríade e não entidade única, visto que na alfabetização é recomendado que se pense na representação alfabética da linguagem e nos objetivos dos envolvidos neste processo (FERREIRO, 2013).

A alfabetização é um processo questionado perante a sua eficácia, visto que certas dificuldades são notórias, nos estudantes, comprometendo seu resultado. É de responsabilidade do docente que haja conhecimento das características da sua turma, como indivíduos e como integrantes de um grupo heterogêneo, além de reconhecer as peculiaridades de cada um. Isto feito levará a elaboração de estratégias metodológicas para que o ensino e aprendizagem incorporem todos os discentes durante seu processo de letramento e alfabetização (FERREIRO, 2013).

Há uma diferença entre o conceito de metodologia e método, mesmo que sejam complementares, em que o primeiro é a via de escolha para a implementação do que precisa ser executado e o segundo é a forma de colocar em prática alguma ação específica da metodologia selecionada. Sendo assim, o professor dispõe de uma gama de métodos para que se alfabetize o educando, em que cada uma apresenta sua conceituação e estrutura para ser aplicada e para tal, depende de algumas variáveis, como a especificidade da turma, disciplina, conteúdo, atividade de escolha, entre outros. Deste modo, a alfabetização com o auxílio metodológico, se trabalhados de maneira satisfatória, se faz como instrumento favorável para que o processo de ensino na alfabetização tenha resultados positivos (SILVA, 2018).

No Brasil, o ano de 1970 ficou marcado pela guerra dos métodos de ensino, que contribuiu para as pesquisas na área de alfabetização e letramento. Isto posto, a divulgação da psicogênese da escrita influenciou para a diversidade das novas pesquisas. Outrossim, o letramento contribuiu para análises de práticas escolares e extraescolares de leitura e produção de texto, e com isso, concluiu-se que a alfabetização e o letramento são de extrema necessidade para o processo de socialização, não apenas na escrita alfabética, mas na compreensão de que é um processo sistemático de ensino (MORAIS, 2006).

Com a aparição do termo “letramento”, os métodos para o desenvolvimento de um conjunto de práticas, construídas no meio social, que englobam leitura, escrita e interpretação, têm sido questionados. Ainda assim, a mudança no paradigma da

educação compreendeu o foco para a forma com que o aluno aprende, ao invés dos métodos aplicados pelo docente. Dito isto, mesmo que não haja algum instrumento específico para repasse do conteúdo, houve a padronização de formas de alfabetização, de acordo com sua popularização no meio escolar (MORTATTI, 2009).

Atualmente, entre os métodos mais comuns e com maior aplicabilidade estão o sintético, analítico, alfabético e fônico em que, independentemente do escolhido, o professor deve se atentar às especificidades de cada um, e assim atribuir significância ao ato de ensinar. Quanto ao método sintético, todos são realizados de forma mecanizada com o auxílio da repetição, o que é visto, pelos alunos, como uma tarefa árdua e desgastante e, conseqüentemente, é reputada como algo fora da realidade da criança, logo, não compreende ao que ela tem conhecimento (PERRENOUD, 2018).

Compreende-se que as práticas alfabetizadoras devem apresentar extrema significância, tendo em vista que as metodologias escolhidas são utilizadas para que o processo seja concluído de forma eficaz. Diante disto, Santos (2014) defende que os professores devem permitir que os aprendizes vivenciem as práticas de leitura e produção de textos, com intuito de cumprir com o estipulado, que é o que proporciona a sensação real e de alta importância destes elementos.

Nesse sentido, a alfabetização e o letramento são dois processos com conceitos dissemelhantes, porém complementares, em que seu início se dá pela aprendizagem da escrita, seguida pela leitura e, posteriormente, o uso destas nas práticas de meio social. Estas englobam a funcionalidade prática da língua escrita, falada e contextualizada em condutas cotidianas, valorizando o conceito de letramento, em que tem como prioridade a formação de indivíduos com habilidades interpretativas e conseqüentemente, funcionalmente letradas (SOARES, 2004).

Naturalmente, cada aluno tem um método, escolhido pelo educador, que apresenta maior eficácia quando aplicado ao seu processo individual de aprendizagem, justamente pelas particularidades do público-alvo e deste instrumento. O docente tem como função primordial o diagnóstico, escolha e aplicação de um método em cada criança, que será possivelmente eficaz, de acordo com as características individuais. Nenhum método vigente é capaz de proporcionar uma alfabetização integral e perfeita, o que se justifica pela natureza de cada aluno ser diferente e a sua forma de compreensão

também. Portanto, além de ser uma atividade considerada como um desafio para o educador, também se faz necessário a aplicação de um método que proporcione competência e eficácia na aprendizagem em si, não sendo de relevância pedagógica a forma com que se aprende (SILVA, 2018).

3. Desafios do professor na aplicabilidade de métodos de alfabetização e letramento

É de suma importância ressaltar o papel feito pelo docente de mediador e incentivador na aquisição da escrita e leitura do educando, assim como, o domínio desses dois elementos e uso, para obter sucesso no processo de letramento e alfabetização. Todavia, o desenvolvimento de habilidades do professor para o processo de aprendizagem da leitura, relativas ao dinamismo educacional e formulações de metodologias, ainda representa uma dificuldade recorrente no meio escolar vigente e, conseqüentemente, uma falha neste âmbito. Bulgraen (2010) reflete sobre a questão do professor e o aluno como agentes ativos no processo de interação e construção de relações.

De acordo com Cagliari e Massini-Cagliari (1998), com o fato de as escolas de formação de docentes serem reguladas por ideologias vindas de faculdades de educação, e não conseguirem transmitir e permear a preparação devida aos professores, os órgãos públicos formulam e distribuem, regularmente, “pacotes educacionais” que são condizentes com a realidade do momento em questão. Portanto, teoriza-se que a falha na alfabetização e letramento não tem como causa os métodos aplicados, e sim a falta de preparo e formação escassa sobre adequação de metodologias quanto às necessidades dos educandos.

Ao citar a presença de um “professor-alfabetizador” na sala de aula, entende-se que ele possua conhecimento sobre conceitos de alfabetização, e que esta concepção o nortearia durante o seu trabalho de desenvolvimento da leitura, escrita e interpretação dos alunos. Entretanto, a escola se manifesta na sala de aula, em alguns casos, através da obrigatoriedade de o professor em trabalhar com a metodologia escolhida pela instituição, ao invés de uma associação dos métodos que ele prevê que poderiam ter maior aplicabilidade e aproveitamento em uma turma específica. Não há espaço para a

atuação com autonomia do educador, ao mesmo tempo, não é possível aplicar os conhecimentos e ideias que esse profissional possui (PETRONI; SOUZA, 2009).

De acordo com os autores Fonseca e Costa (2017), os saberes relativos à formação dos professores dependem do seu instituto de graduação e, conseqüentemente, dos docentes que contribuíram para a sua conclusão de curso, tal como o Estado e seus agentes de decisão e execução. Na realidade vigente, os professores não apresentam o hábito de controle na definição, a seleção de saberes (curriculares, disciplinares e pedagógicos), que serão trabalhados com os alunos.

Com o exposto até aqui, é possível destacar dois desafios, ambos com a problemática do foco no método e não em como o aluno aprende. Um desses desafios é o currículo de formação inicial do professor, que não alcança a execução de práticas pedagógicas na realidade escolar, pois em campo o aprendiz, como no estágio supervisionado, enfrenta diversos problemas, como ausência de liberdade para atuar, mentores que de fato auxiliem, preconceitos e carência de instituições que abarque os estagiários, estando a burocracia evidente. Assim, o professor não sente motivado a conhecer e aplicar os diferentes métodos, pois não há espaço para aplicá-los à medida que ache necessário. O outro desafio está atrelado a falta de autonomia do professor em sua atuação no processo educacional. Petroni e Souza (2009) apresentam reflexões sobre autonomia do professor partindo de contribuições feitas por Vigotski e Paulo Freire, aproximando as teorias dos dois estudiosos, destacando que a autonomia como resultante do conhecimento adquirido e o uso desse conhecimento.

Em tempos atuais, há a necessidade de se enxergar o processo educacional de várias perspectivas. A alfabetização e o letramento são dois elementos de suma importância para o desenvolvimento da criança, pois viabilizam a aprendizagem da linguagem por meio do ensino das letras e sons, e como utilizá-los em diferentes contextos, incluindo o social, fazendo parte da evolução dos conceitos desses elementos (SOARES, 2004).

Diante disso, depende de o professor conhecer seus alunos, sendo o profissional mais próximo e com maior convivência com eles. A escola deve compreender que alfabetizar e letrar são questões que devem ser vistas de variadas perspectivas, mas

incluindo o professor como agente que traz as informações e observa quais as melhores formas de trabalhá-las com os alunos (PETRONI; SOUZA, 2009).

Um outro desafio do professor é enxergar essa necessidade e tornar real a atuação da criança na própria aprendizagem, livrando-a do papel de apenas receptor de informações. Maria Montessori já havia lançado luz a isso com seu método valorizando a liberdade da criança, dando condições de trabalhar a autodisciplina, isso por meio da escolha de recursos e autonomia em como utilizar esse recurso, mas sempre com o professor assistindo, delimitando de forma coadjuvante o desenrolar da situação de aprendizagem do aluno, do momento da brincadeira, do jogo ou da atividade. A aprendizagem, quando considerada como um processo em que o aluno apenas recebe a informação, é passiva e tem o aluno como um recipiente vazio (VICKERY, 2016).

A utilização de um método para alfabetização e letramento pode ser um desafio para profissionais, quanto mais associar métodos. O processo educacional evoluiu, a gama de recursos avolumou-se, especialmente com os avanços tecnológicos. As Tecnologias de Comunicação e Informação – TICs passaram a integrar a sociedade como um todo, superestimuladas com a crise pandêmica provocada pela Covid-19 (CARVALHO, 2021).

Associar métodos e recursos de forma que ocorra uma sequência didática lógica e não enfadonha é bastante desafiador, isso pode traduzir-se em aumento de qualidade do ensino ou baixa dessa qualidade. O que pode ser compreendido é que a evolução do ensino revela que um método apenas pode não ser efetivo o suficiente para o ensino-aprendizagem que vise a um aluno autônomo e crítico. Para tanto, há de pesar na escolha dos métodos a serem aplicados (PETRONI; SOUZA, 2009).

O professor deve ser um personagem altamente crítico e sensível à observação e diagnóstico de seus alunos, buscando conhecer as necessidades em sala de aula. (FREITAS et al., 2017).

Portanto, os desafios ao lidar com diferentes métodos em sala de aula associam-se às necessidades dos alunos, com oferta de uma sequência didática lógica e flexível, dando espaço para adequações, prezando ainda pelo aspecto ativo, que coloca o aluno como agente do seu próprio aprendizado, favorecendo a aplicabilidade de conhecimentos adquiridos em situações práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos achados literários foi possível depreender que os processos de alfabetização e letramento perpassam pelos métodos de ensino que os professores aplicam, sendo esses diferentes em natureza, mas podendo ser aplicados de forma associada, a depender do objetivo do educador e quais aspectos podem ser diagnosticados nas turmas que atende.

Ao longo da história sobre o processo educacional, as questões que envolvem os tipos de métodos e sua aplicabilidade no processo educacional não são discussões recentes. As mudanças sociais na última apresentaram seus reflexos na educação, especialmente nos métodos e estratégias, chegando à atualidade com diversas nuances importantes, mais evoluídas, contudo, carentes de aprimoramentos, com destaque aos desafios que o professor enfrenta em relação a escolha e aplicabilidade dos métodos e suas diferentes naturezas.

Constata-se que os processos de alfabetização e letramento precisam passar por diferentes métodos para que a relação ensino e aprendizagem possam ser atendidos de forma mais completa.

As transformações na educação, e conseqüentemente nos métodos de ensino, denotam aos professores novos desafios. Alguns mudam os detalhes em como ocorrem suas nuances, mas permanecem no tempo como as deficiências na formação, relacionadas ao currículo e execução desse currículo que não contempla eficiência de base para práticas pedagógicas. Igualmente observa-se o enrijecimento nas ações do professor, afetando sua autonomia segundo as concepções das instituições escolares, que não dão liberdade de atuação ao profissional. Esses desafios impedem que o professor adquira traquejo quanto as aplicabilidades dos diferentes métodos de ensino, pois não se sentem motivados a conhecê-los.

A intenção do estudo, não foi esgotar a discussão sobre o assunto, porém ampliar possibilidades de reflexão e debate acerca da temática.

REFERÊNCIAS

BULGRAEN, Vanessa C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo, Capivari**, v. 1, n. 4, p. 30-38, 2010. Disponível em: http://www.moodle.cpscetec.com.br/capacitacaopos/mstech/pdf/d3/aula04/FOP_d03_a04_t07b.pdf. Acesso em: 24 mai. 2021.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando; SILVEIRA, Fernanda; SEABRA, Ilza; TROMBELLA, Alessandra; CORREIA, Célia. **Alfabetização: método fônico**. São Paulo: Memnon, 2004. Disponível em: <http://files.dinaprofessora.webnode.com.br/200000005-2363c245db/m%C3%A9todo%20fonico%20Capovilla.PDF>. Acesso em: 30 abr. 2021.

CARVALHO, Emanuel Mangueira. A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES. **Revista de Educação da Unina**, v. 2, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revista.unina.edu.br/index.php/re/article/view/30>. Acesso em: 25 mai. 2021.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5342947/mod_resource/content/1/Reflex%C3%B5es%20sobre%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20.pdf. Acesso em: 24 mai. 2021.

FONSECA, Christine Meyrelles Felipe; COSTA, Antônio Max Ferreira. Formação e saberes docentes na educação profissional: um relato de experiência. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 3, n. 7, p. 78-85, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/RECEI/article/view/2320>. Acesso em: 25 mai. 2021.

FREITAS, Luiz Carlos; SORDI, Mara Regina Lemes; MALAVASI, Maria Marcia Sigríst; FREITAS, Helena Costa Lopes. **Avaliação educacional: caminhando pela contramão**. São Paulo: Editora Vozes Limitada, 2017. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=IYowDwAAQBAJ&dq=Avalia%C3%A7%C3%A3o+educacional:+caminhando+pela+contram%C3%A3o.&lr=&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s. Acesso em: 25 mai. 2021.

CAGLIARI, Luiz Carlos; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Quantidade e duração silábicas em Português do Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 14, n. SPE, p. 00-00, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/ryX8rdc9tbDgHrLDHZmWTMc/?lang=pt>. Acesso em: 25 mai. 2021.

KRAMER, Sonia; ABRAMOVAY, Miriam. Alfabetização na pré-escola: exigência ou necessidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 52, p. 103-107, 1985. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1367/1368>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MORAIS, Artur Gomes de. Concepções e metodologias de alfabetização: Por que é preciso ir além da discussão sobre velhos métodos. **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino–Endipe**, v. 13, 2006. Disponível em: <http://files.professorivo.webnode.pt/200000016-ab4baac45e/Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. In: Conferência proferida durante o Seminário " Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em. 2006. Disponível em: <https://fbnovas.edu.br/site/wp-content/uploads/2019/02/Acervo%20em%20PDF/Hist%C3%B3rias%20dos%20M%C3%A9todos%20de%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. A " querela dos métodos" de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. **Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**, v. 3, n. 5, p. 91-114, 2009. Disponível em: http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:4G3B4o6NahYJ:scholar.google.com/+critica+aos+m%C3%A9todos+de+leitura+++e+escrita&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 24 mai. 2021.

PELLEGRINI, Tânia. Realismo: postura e método. **Letras de hoje**, v. 42, n. 4, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/4119/3120>. Acesso em: 25 abr. 2021.

PERRENOUD, Phillipe et al. (Orgs.) **Formando professores profissionais – Quais estratégias? Quais competências?** 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2018. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=oWFjDwAAQBAJ&dq=Formando+professores+profissionais+%E2%80%93+Quais+estrat%C3%A9gias%3F+Quais+compet%C3%Aâncias%3F&lr=&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s. Acesso em: 30 mai. 2021.

PETRONI, Ana Paula; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan. Vigotski e Paulo Freire: contribuições para a autonomia do professor. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 27, p. 351-361, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3601>. Acesso em: 24 mai. 2021.

RANGEL, Franciele de Azevedo; SOUZA, Emmily Cristina Firmino; SILVA, Ana Carla Azevedo. Métodos tradicionais de alfabetização no Brasil: processo sintético e processo analítico. **Revista Includere**, v. 3, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7427>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SANTOS, Silvia Caroline. **Análise de métodos de alfabetização em séries iniciais.** Artigo apresentado à Faculdade de Letras, como trabalho de Conclusão do Curso de Letras – Licenciatura em Português, da Universidade Federal de Goiás, 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/11255>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SANTOS, Terezinha da Costa. Alfabetizar Letrando. **Rebes (Pombal – PB, Brasil)**, v. 4, n. 1, p. 07-11, 2014. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/2617/2026>. Acesso em: 24 mai. 2021.

SEBRA, Alessandra; DIAS, Natália Martins. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Psicopedagogia**, v. 28, n. 87, 2011. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/161/metodos-de-alfabetizacao--delimitacao-de-procedimentos-e-consideracoes-para-uma-pratica-eficaz>. Acesso em 25 abr. 2021

SILVA, Isadora da Silva e. **Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental.** Monografia (Pedagogia) apresentada a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa - BA, 2018. Disponível em: <http://www.repositoriodigital.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/1706/1/Monografia%20Isadora-%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento%20nos%20Anos%20Iniciais%20do%20Ensino%20Fundamental%20-%20CD.pdf>. Acesso em maio de 2021. Acesso em: 25 mai. 2021.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista brasileira de educação**, n. 25, p. 5-17, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRrZk/?lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2021.

VALENTE, Fátima; MARTINS, Margarida Alves. Competências metalinguísticas e aprendizagem da leitura em duas turmas do 1.º ano de escolaridade com métodos de ensino diferentes. **Análise Psicológica**, v. 22, n. 1, p. 193-212, 2004. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/view/141>. Acesso em: 30 abr. 2021.

VICKERY, Anitra. **Aprendizagem ativa nos anos iniciais do ensino fundamental.** Porto Alegre: Penso Editora, 2016. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=GSaaCwAAQBAJ&dq=Aprendizagem+ativa+nos+anos+iniciais+do+ensino+fundamental&lr=&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s. Acesso em: 25 mai. 2021.

